

ENTREVISTA

OLHARES, GESTOS E PRÁTICAS DE LEITURA: ENTRE “O DESEJO DA FALTA” E “O DESEJO DE LER” DA PROFESSORA MARIA ESTER VIEIRA DE SOUSA

Thiago Trindade Matias
Doutorado em Linguística – Universidade Federal da Paraíba
Universidade Federal de Alagoas – Campus do Sertão
thiago.matias@delmiro.ufal.br.

Recebido em 22 de julho de 2021

Aceito em 21 de dezembro de 2021

Maria Ester Vieira de Sousa possui graduação em Licenciatura Plena em Letras (1983), Especialização em Linguística (1986) e Mestrado em Letras (1995) pela Universidade Federal da Paraíba. Em sua dissertação, realizou um estudo sobre a Cartilha de alfabetização, por meio de uma abordagem discursiva. No seu doutorado em Linguística (2000), pela Universidade Federal de Pernambuco, pesquisou o discurso da sala de aula, precisamente, a relação professor/aluno na construção do conhecimento, especificamente, na aula de leitura. É professora Titular aposentada da Universidade Federal da Paraíba, onde atuou na Graduação e na Pós-graduação em Letras e, posteriormente, em Linguística (orientando Mestrado e Doutorado). Desenvolve pesquisas sobre leitura (história da leitura e do leitor), escrita, discurso de sala de aula, ensino e aprendizagem de língua portuguesa, a partir de uma perspectiva discursiva, com enfoque sobre os sujeitos, seus discursos e suas práticas de linguagem. A professora Ester tem bastante experiência no ensino de disciplinas como Língua portuguesa, Leitura e produção de textos, Discurso e sociedade e Análise do discurso. Desenvolveu importantes projetos de pesquisa voltados aos modos de ler e de dizer a leitura, à história da leitura na Paraíba, a práticas escolares de leitura e discursos sobre a leitura, como também a histórias e representações da leitura. Na extensão, coordenou projetos voltados a práticas e construção de novos saberes por meio da leitura. Importante salientar que atualmente atua enquanto assessora da Associação Educativa Livro em Roda (AELER). Tem uma extensa publicação na área de Letras e Linguística, com ênfase em reflexões sobre leitura, discurso e ensino de língua portuguesa. Dos livros publicados, destaco *As surpresas do previsível no discurso da sala de aula* (2002), fruto de sua tese de doutorado; *Parâmetros curriculares em questão: ensino médio* (2004), em coautoria com a professora Socorro de Fátima Pacífico Barbosa; *O texto: vários olhares, múltiplos sentidos*, em coautoria com a professora Lucienne Espíndola (2007); *Se eu pudesse... Metodologia de trabalho da Biblioteca Livro em Roda*, 2ª edição (2015), em coautoria com a professora Teresa Cristina Barbosa de Brito; *Leitores, suportes, espaços e práticas de leitura da cultura escrita* (2017), em parceria com a professora Laurênia Souto Sales. Esta entrevista com a professora Maria Ester tem por propósito socializar com a comunidade universitária seus olhares, gestos e história das suas práticas de leitura desde a infância até sua atuação enquanto pesquisadora na área de Letras e Linguística. Uma entrevista que levará o público leitor a se debruçar sobre o que não foi esquecido, sobre as lembranças da leitora Ester ou sobre “aquilo que a memória pode tão somente recuperar sob o signo da ausência e da falta”, como destacou a professora Ester em seu Memorial Acadêmico, apresentado à Universidade Federal da Paraíba, como parte das exigências para a progressão funcional para Professora Titular, em novembro de 2016.



1. *Diante do que seja resgatar a memória do passado, em relação a sua infância e formação escolar, o que era ler?*

Maria Ester Vieira de Sousa - Eu fiquei pensando assim, porque do ponto de vista da minha formação escolar, a leitura, no início, como sempre, esteve muito associada à questão da decodificação. Mas há um outro aspecto, assim, da minha formação. Quando você me fez essa pergunta, me fez pensar que é o fato do encantamento que eu sempre tive pela escola e pela leitura. Essa história de querer ler, por exemplo, o desejo de ler. O desejo de ler veio desde os primeiros anos de minha escolarização. Inclusive, assim, querer ler sozinha, querer aprender a ler e ao mesmo tempo eu lembro, tenho vagas lembranças dessa história, mas eu lembro muito da dificuldade de ler a cartilha. Sabe?! A gente tinha uma cartilha, e a dificuldade de pegar aquela lição e ler, saber, aí sim, decodificar, nesse primeiro momento mesmo, porque, nesse processo de aprendizagem, o primeiro passo era a decodificação. Isso é inegável. Eu lembro folheando a cartilha, assim era a dificuldade de ler, mas ao mesmo tempo o desejo de querer ler. E aí esse desejo hoje, como pesquisadora, eu entendo que não era só o decodificar, ia além de querer saber mais do que simplesmente decodificar uma palavra. Isso para mim está presente em todo processo de aprendizagem por mais que ele não seja percebido pelos pesquisadores, que ele não seja investigado, mas eu acho que há esses dois movimentos, esse movimento da decodificação e ao mesmo tempo o desejo de querer ler.

2. *Nesse movimento entre a decodificação e o desejo de ler, que objetos a senhora leu na infância? A que objetos teve acesso e como se deram esses primeiros contatos com a leitura?*

Maria Ester Vieira de Sousa - A lembrança que eu tenho mesmo, enquanto desejo de ler, eu já fazia o que equivale hoje ao quinto ano, que naquela época era a quarta série primária. Ou era o quarto ano mesmo, nem lembro mais. Mas era o fato de que na escola em que eu estudava, em Assunção, naquela época distrito de Taperoá, passava, eu acho que era uma vez por mês, uma rural, interessante, num é?!, uma rural com livros. Esses livros, a gente só tinha o direito de ler enquanto a rural estava na escola. Então eu enlouquecia para terminar um livro, porque se você não terminasse aquele livro, a rural ia embora e, quando voltasse, seu livro não voltava mais. Então percebo que essa história tem a ver com esse desejo e ao mesmo tempo com o desejo também não realizado, porque se você não cumprisse aquele livro, acabou. Então a minha relação com a leitura está ligada a esse desejo da falta, ao mesmo tempo. Eu aprendi a gostar de ler também nas revistas de fotonovelas, minhas primas levavam. Eu morava no sítio, e minhas primas levavam fotonovelas de Campina Grande para lá. E às vezes elas levavam as fotonovelas com uma página rasgada. Então, mais uma vez, você tem esse jogo entre o desejo e a falta. Alguns pesquisadores colocam esse desejo, isto é, a leitura desejante de que fala Barthes, a qual tem muito a ver com isso, porque a biblioteca também é esse lugar de desejo, mas é também o lugar da falta, porque como ele mesmo diz, às vezes, você vai à biblioteca e não encontra o que procura, mas, ao mesmo tempo, é o lugar também da exuberância. Então é sempre esse jogo do pleno e ao mesmo tempo do vazio, do cheio e da falta, essa dualidade. Não sei se respondi. Agora, eu

acho que há outros aspectos também aí e que também foi o meu percurso de pesquisadora que me fez voltar. Olhar esse meu percurso que foi, por exemplo, a importância do rádio na minha formação. Eu acho que esse é um outro aspecto. E por mais que você pense assim: olhe o rádio está ligado à cultura oral e não à cultura escrita. Eu acho que não é tão assim. Em geral, na rádio, há um planejamento, uma escrita que antecede aquela voz que está lá falando. E, por outro lado, a gente tem muito acesso às músicas, por exemplo, via rádio. Outra questão que eu acho que está muito ligada também, que eu passei também a refletir depois, nesses espaços da minha formação, como leitora, eram os programas infantis a que eu assistia e a leitura dos contos de fada. Havia alguns programas, não sei se ainda há alguns programas dessa natureza hoje, mas havia alguns programas infantis de leitura dos contos de fada. Então os contos de fada chegaram para mim através do ouvido. Mas, ao mesmo tempo que eles vêm de uma tradição oral, chegaram aqui através da escrita, não é?! Então esse acesso à escrita, para mim, se deu por uma relação intrínseca com a oralidade. Então acho que se dá muito nessa relação com a oralidade ou com espaços de oralidade, porque, por exemplo, o acesso que nós tínhamos, ainda quando eu morava no sítio, à literatura de cordel, se dava através da leitura de outras pessoas. Então é muito essa imbricação entre o sujeito que lê para o outro, esses espaços mesmo de leitura comunitária também através do caso do cordel. Mas há também a relação que a gente tinha com os contadores de história, muito deles analfabetos, no entanto, nessa tradição oral, alguns decoraram o texto escrito. Esse é um outro aspecto que é interessante, como se dá o acesso à cultura escrita.

3. *Quanto aos primeiros anos de escolarização, como foram os seus*

primeiros contatos com a leitura na escola? O que lia, o que era dado a ler, como se lia, como ocorriam essas práticas?

Maria Ester Vieira de Sousa - Fora a cartilha e depois o livro didático, eu só tenho essa experiência daquela rural, porque a gente não tinha outro material de leitura fora do livro didático, nenhum material, a não ser alguns. O que a professora colocava no quadro eram atividades. Às vezes ela copiava o texto da própria cartilha, copiava no quadro. Então, até pelo menos a quarta série, o quarto ano, acho que isso, eu não tinha acesso a outras leituras no interior da escola, não. Então, assim, na escola, não houve e é interessante porque se eu fizer um percurso, mesmo quando eu fui estudar, a partir da 5ª série, em Campina Grande, mesmo lá, eu não tenho lembrança de outras leituras fora do livro didático na escola. Mesmo se eu pensar em todo o fundamental, que era o ginásio naquela época, e o médio que era o segundo grau. Eu não tenho lembrança de leituras fora do material didático. Agora eu tenho lembrança de leituras fora da escola. Por mais que fossem leituras “roubadas”, vamos dizer assim, com essa questão da ausência e da carência. Mas isso eu tinha.

4. *Nesse caso, que leituras realizou fora da escola?*

Maria Ester Vieira de Sousa - No Estadual da Liberdade, que foi a primeira escola em que eu estudei em Campina Grande, eu tinha um grupo de amigos que tinha livros e que eu pegava emprestado com eles. No Estadual da Prata, eu também pegava muito livro emprestado. Então, nas férias, eu pegava, o quanto eu pudesse pegar emprestado. Meu tio tinha alguns livros em casa que ninguém lia. Aí eu passava a ler todos eles. Lembro de alguns, por exemplo, o caso de ‘Eu’, de Augusto dos Anjos. Eu o li, eu acho que eu fazia ainda o ginásio,

final do ginásio. Eu tenho esse livro, meu tio me deu. É uma encadernação bem antiga, eu acho que foi uma das primeiras de 'Eu'. Depois outros livros. Eu lembro, por exemplo, lendo 'A mãe', de Gorki. O meu tio tinha esse livro. Ele ficava escondido lá na estante. Eu tenho uma lembrança das personagens, eu não reli esse livro, é interessante, mas eu tenho uma lembrança daquelas personagens. Tenho lembrança daquelas ambientações do livro. Então esse foi um livro que me marcou muito. Nessa época, eu acho que eu já estudava na Estadual da Prata, eu fazia o Científico. Então, eu tinha um grupo de amigas, que lia muito. Trocávamos livros, pois morávamos muito próximo. Então a minha formação de leitura, durante o que hoje é ensino médio, foi muito por amizade. Foram grupos de amigos. A gente tinha amigos, todos gostávamos de ler. Então íamos atrás, íamos à Biblioteca Pública. Pedíamos livro emprestado a quem aparecesse, que gostasse de ler. A gente gostava muito de música também. Nós tínhamos amigos que eram músicos, que também tocavam. Então eu acho que esse ambiente para mim, a minha formação, em termos, assim, de gosto literário, veio muito das minhas relações de amizade. Além disso, é importante destacar que a questão das práticas de leitura e dos espaços de leitura e das comunidades de leitura estão também para além do território da escola. Porque, no meu caso, a minha formação se deu em outros territórios. Ela se deu na relação de amizade, um pouco na família, mas muito pouco, muito pouco, eu digo assim porque na minha família não havia pessoas que gostassem de ler. Eu sempre fui assim uma exceção nesse sentido de gostar de ler. Durante a minha formação, no início do curso de Letras, eu também li livros emprestados, dentre eles, os clássicos, como Machado de Assis, Graciliano Ramos, José de Alencar, os autores portugueses de que eu gostava, Alexandre Herculano.

5. *De onde surgiu seu interesse para cursar Letras? E como se sucederam suas práticas de leitura a partir de sua formação acadêmica?*

Maria Ester Vieira de Sousa - Letras sempre foi um curso que eu pensei em fazer, mas não era a minha primeira opção. Isso é interessante, mas eu achava que eu faria dois cursos. Um deles era Letras, com certeza, e o outro era Engenharia civil. Engenharia civil estava no primeiro plano. Imagina a Engenheira civil aqui, Nossa! Hoje eu não penso na menor relação com isso. Mas como é que no fundo Letras estava sempre no meu inconsciente? Eu pensava em Letras, mas eu acho que não tinha muita dimensão do que era o curso. Eu acho que, nessa fase, os jovens ainda não têm muito claro. Eu não tinha. Eu queria Letras, porque eu gostava de literatura. Então, o que me levou para a Letras foi a literatura. Foi a minha paixão pela leitura. Foi isso que me levou para Letras. Eu não sabia o que eu ia fazer nesse curso. O que é que eu ia ser. Eu acho que isso não estava claro na minha cabeça. Mas eu queria. Então parece que havia aquele desejo de lá ser o lugar que eu vou poder ler. Aí eu entrei em Letras, no ano de 1980, pensando na literatura e pensando em fazer literatura, e não escrever, mas em fazer o curso de Letras pensando em talvez em ser professora de literatura. Quando eu entro em Letras, eu me deparei com um universo, em princípio, diferente do que eu imaginava que eu fosse encontrar. O curso de Letras da Federal da Paraíba, em Campina Grande, Campus 2, onde eu estudei, era um curso que estava sendo criado e havia um conjunto de professores que tinha um desejo. Já eram professores da Universidade Estadual da Paraíba, eles já eram professores da universidade, a Universidade Regional do Nordeste. Eu acho que nós tivemos um privilégio muito grande, porque nós entramos na

universidade num momento muito difícil, mas, por outro lado, com um grupo de professores que tinha um interesse muito grande em que o curso de Letras da Universidade Federal da Paraíba, em Campina Grande, desse certo. Eu tinha um grupo de amigos na universidade, pessoas que, embora muito jovens, já tinham uma experiência como poetas, como professores, como agitadores culturais em Campina Grande. Isso tudo fez a nossa turma diferente. Nós líamos feito doido, né?! A gente tinha uma relação com a leitura muito grande e assim não era só da literatura, era com a leitura teórica, com os teóricos do curso. Então, para você ter uma ideia, no primeiro semestre do curso de Letras, começamos a ler Saussure. Havia uma disciplina de Teoria do Conhecimento, nela lemos Feuerbach. Então era muita informação. Acredito que isso aí foi me dando outros horizontes e, a partir do terceiro semestre do curso de Letras, eu já não pensava mais em me enveredar pela área da literatura. Eu me apaixonei pela linguística. Eu me apaixonei pela língua portuguesa e eu fui me encontrando noutra lugar. Eu comecei a ter bons professores, professores maravilhosos de língua portuguesa, professores muito bons de linguística mesmo. E eu não tinha assim uma referência muito boa com os professores de literatura. Eu não tive bons professores de literatura. Então, isso me fez enveredar pela linguística e pela língua portuguesa mais do que por literatura. E aí, a partir de disciplinas, Metodologia, por exemplo, eu fui pensando na questão do professor.

6. *E como a docência entrou na sua vida? Como se deu a sua atuação enquanto professora na educação*

básica, considerando os aspectos relacionados ao ensino de língua portuguesa, ao ensino da leitura?

Maria Ester Vieira de Sousa - Como é que a docência entra na minha vida? Ela entra muito cedo por uma necessidade, porque também eu tinha que ganhar dinheiro. No final do segundo semestre do curso de Letras, eu fui dar aula, sem nenhuma experiência como professora, sem conhecimento teórico. Mas eu precisava assumir. A docência entra na minha vida um pouco assim de supetão. A partir do final do segundo semestre, eu comecei a dar aula, e as coisas mudaram. Aí eu vou assumindo mais a profissão. Realmente, eu assumo outras turmas já no terceiro semestre do curso de Letras. Eu assumi, em língua portuguesa, turmas do ginásio ao científico. E aí eu tive que estudar! A minha formação toda no curso de Letras também ajudou, por exemplo, as disciplinas de Produção de Texto 1, 2 e 3. Isso nos levava a ir pensando já na questão da leitura, das aulas de língua portuguesa não só voltadas para a questão da gramática, a discussão com a linguística já vinha nesse primeiro momento. Eu ensinei em três colégios em Campina Grande, dois dos quais considerados os maiores colégios da cidade. E aí eu tinha que estudar muito para dar aula. Eu tinha que preparar minhas aulas, eu tinha que me preparar inclusive lendo muito a gramática. E eu já tinha de certa forma a formação na universidade. Eu já começava a ter uma visão crítica também da gramática, um jeito de olhar a gramática diferente. E tanto é que apesar de trabalhar com livros didáticos, usar muitas vezes frases soltas, mas eu gostava de brincar com os meninos colocando inclusive as frases, para deixá-los em dúvida em relação àquela classificação. Nessa brincadeira, os alunos diziam assim “Então a senhora deveria era escrever uma gramática”, já que fica criticando a gramática direto. Por outro lado, passamos também a dar

aula de leitura e produção de textos. Nós criamos a disciplina em dois colégios, o CEPUC (Colégio Pré-Universitário Campinense) e as Damas (Colégio Imaculada Conceição). A dona do CEPUC era minha professora na Universidade. Então ela convidou a mim e a uma amiga minha para criar a disciplina de leitura e produção de texto na escola. E nós criamos essa disciplina de leitura e produção de texto, inclusive com uma sala especial. Nessa sala, havia, por exemplo, estantes baixas com livros, com jornais ou revistas de histórias em quadrinho. Era uma sala bonita. Nós enfeitamos essa sala, até planta nós colocamos dentro dela. Essa disciplina funcionava do quinto ao terceiro ano. E nós dividíamos as turmas, eu e Vânia. Foi um trabalho muito grande. Eu dava essa disciplina lá, dava também aula de Língua Portuguesa, e Vânia dava aula de literatura. Às vezes casávamos as três coisas, quando era possível, mas Iara, que era dona da escola, queria que as coisas também fossem bem separadinhas: Literatura, Língua Portuguesa. “Língua portuguesa é gramática que você vai ter que trabalhar, Ester!” E ela era professora de gramática, imagine! Depois fui convidada para criar essa mesma disciplina nas Damas. Lá nas Damas, eu ensinava literatura, leitura e redação. E no outro colégio eu ensinava língua portuguesa. Então eu trabalhava, era professora de Língua Portuguesa, leitura, redação e literatura. Isso nos anos de 1981 a 1986. Assim, mais uma vez, eu acho que o resultado da formação do curso de Letras nos deu um *know-how*.

7. E sobre as suas pesquisas na universidade, quando surge o interesse em estudar leitura e prática de leitura?

Maria Ester Vieira de Sousa - Eu comecei no doutorado, embora eu tivesse preocupada com a relação professor-

aluno. Mas já era a relação professor-aluno nas aulas de leitura. Entendeu?! Então eu já tinha esse foco, embora eu ainda não trabalhasse nessa perspectiva mais das práticas sociais. Mas eu queria exatamente entender o papel do professor, nesse momento da aprendizagem da leitura. Então o meu foco era esse saber, era ver como se dava a contribuição do professor nesse processo com o aluno. E de certa forma isso foi muito interessante para mim, porque é a partir daí, depois do doutorado, que minhas pesquisas se voltam para a leitura. Depois do doutorado, aí o foco é a leitura. Eu terminei o doutorado em 2000, nesse mesmo ano comecei uma pesquisa com Socorro Pacífico sobre leitura. Naquela época, nós já trabalhávamos juntas antes, em outras questões, inclusive em cursos de extensão. Fizemos uma pesquisa com os professores e alunos, em relação à recepção do projeto de leitura Livro em roda, desenvolvido pela Associação Educativa Livro em Roda. Isso na área rural de Conde. Então, aí foi uma pesquisa específica sobre práticas de leitura, entendeu?! Já vendo, por exemplo, a recepção mesmo, como era que o professor encarava o projeto de leitura. Isso foi após o doutorado, em 2001. Nós tínhamos, inclusive, bolsistas de PIBIC que nos ajudaram nesse processo. Depois disso, eu passei a sistematizar minhas pesquisas voltadas para a questão da leitura. Era a questão do sujeito – o aluno como leitor, o sujeito professor como leitor. E aí, num determinado momento, depois de 2005 – 2006, nós começamos a investigar as práticas de leitura dos sujeitos alunos e dos sujeitos professores, sempre voltadas também para o interior da escola. Nosso interesse era investigar como se davam essas práticas no interior da escola, mas, ao mesmo tempo, qual a história de leitura desses sujeitos leitores.

8. *Mas quando surge seu interesse pela leitura numa perspectiva diacrônica, pela história da leitura na Paraíba?*

Maria Ester Vieira de Sousa - Precisamente aí também foi com minhas pesquisas com Socorro, ela começou a trabalhar com jornais, tinha um viés de pensar a questão das práticas de leituras não escolares. E eu estava pensando nas práticas de leitura escolares ou escolarizadas. Socorro tem um viés mais histórico, porque inclusive ela foi atrás das leituras no século 19. Eu acabei não indo. Nesse momento eu não fui. A gente tinha aberto algumas questões nas nossas reuniões, algumas questões de pesquisa que eu pensei enveredar por aí, pensar em alguns professores, por exemplo, que marcaram história na Paraíba e ir atrás das histórias de leitura desses professores. Mas essa foi uma pesquisa que eu terminei abandonando por falta de tempo. Era tanta coisa! As ideias vão surgindo, você vai deixando de lado, mas essa era uma pesquisa que eu sempre tive vontade de fazer. Por exemplo, o caso de alguns professores que marcaram história aqui no Liceu Paraibano, que à época ainda estavam vivos. Eu tinha uma pesquisa formulada, uma parte dela já eu tinha formulado para ir atrás, para pensar a história de formação de leitura desses professores, mas acabei não desenvolvendo. E aí acabei enveredando mesmo pela questão um pouco mais sincrônica, mas, ao mesmo tempo, repleta de leitura, tanto dos alunos quanto dos professores, para além dos espaços escolares, mas sempre buscando essa relação com o espaço escolar.

9. *E do ponto de vista teórico-metodológico, quais foram suas referências para as pesquisas em (história da) leitura?*

Maria Ester Vieira de Sousa - Eu acho que há vários, porque é assim, na linguística, sobre a questão da leitura,

por mais que ela não trabalhe com essas questões, há uma grande referência para mim: Wanderlei Geraldi, sabe?! Embora a questão dele não seja nesse viés que eu passei a dar às coisas. Mas eu acho que a forma como ele abordava algumas questões me levavam a pensar isso. Por exemplo, em 'Portos de passagem', livro fundante para pensar algumas questões. Há um capítulo que ele fala sobre a formação do professor, especificamente. Eu acho que há muito o que pensar, inclusive porque ele resgata essa concepção de professor, de formação de professor. Esse capítulo recupera muito da história e mesmo da formação do professor, então acho que isso me fez pensar algumas questões. Agora fora isso. Aí sim, eu fui para outros lugares. Eu nunca me satisfiz muito com as referências que eu tinha no interior da linguística, no interior dos estudos de língua portuguesa. Eu sempre fui buscar outras fontes. E aí eu fui para De Certeau, aí eu fui para Manguel. Eu comecei a buscar outras pessoas que trabalham a leitura em outra perspectiva. E em princípio, eles não estão muito presentes no universo dos estudos de leitura que são desenvolvidos por pessoas de Letras. Mas para mim era fundamental. Você pensar, por exemplo, as questões da leitura a partir do que levanta De Certeau. Alguns dizem que De Certeau é historiador. Sim, historiador da leitura. Manguel é um estudioso que cada vez eu me apaixono mais pelos livros dele. Atualmente eu li alguns novos livros dele, novos para mim, não eram tão novos. Eu não tinha lido ainda e cada vez eu me encanto mais com a capacidade de pensar a leitura nessa dimensão das práticas sociais e ao mesmo tempo na dimensão tanto das práticas públicas quanto privadas de leitura. Eu creio que ele acaba pensando na história da humanidade, do homem. Há alguns livros dele que são impressionantes. Como é que ele abre assim a nossa cabeça para pensar outras

coisas? Há um texto de Manguel, que eu nunca li, é aquele que fala sobre imagens, ‘Lendo imagens’ eu não sei se você conhece esse livro dele. É um livro antigo. Esse livro, eu o tenho há bastante tempo, faz pouco tempo não, eu acho que uma das primeiras edições que saiu no Brasil. Eu comprei esse livro, porque eu gosto de Manguel. Eu folheava, eu lia uma coisa ou outra. Quando foi esses dias, eu resolvi ler e me encantei. Porque ele mostra o que significa ler uma imagem. Nossa Senhora, Meu Deus do céu, que lição, que lição! E ele faz isso com fotografia, faz isso com pinturas, então é uma leitura brilhante e como é que ao mesmo tempo ele vai, implicitamente, mostrando que ler é cortejar textos, que ler é mais do que simplesmente um processo de compreensão, mas como é que ele tem a ver com a inserção daquela imagem ou daquele texto no seu universo, mas, ao mesmo tempo, o que ele diz e o que ele não diz. Ele vai fazendo isso de uma forma brilhante. Como a leitura vai crescendo. O que eu posso ler nessa imagem é o que ela me permite, o que ela não permite, mas ao mesmo tempo o que ela explica e que relação ela tem com outras imagens da mesma coisa e da mesma época. Que relação os textos têm com outros textos? Na medida em que o dizer se constrói a partir de outro. E ele vai mostrando, na prática, aquilo que, teoricamente, encontramos em Bakhtin, essa relação do dito e não dito, que encontramos em Pêcheux, que encontramos de certa forma em Foucault. Ele vai mostrando o que é que significa você pensar a leitura nessa dimensão da linguagem como sendo necessariamente incompleta e como sendo necessariamente marcada pela sua relação entre o dito e o não dito, entre o que ela projeta para trás e para a frente. É fantástico o que você tem. Isso começa a abrir sua cabeça.

Tem o caso também de Chartier. As leituras de Chartier vão me trazendo uma

concretude em relação à teorização que De Certeau fazia. Porque, no livro de De Certeau, há muitas questões teóricas que eu acho que podemos ver o desenvolvimento daquilo em alguns dos textos de Chartier, embora ele não mencione tanto, mas há uma presença muito marcante. Então Chartier foi uma decorrência das minhas leituras de De Certeau. E assim outras coisas que eu ia vendo em outros autores, como naquele livro ‘Leitura no Brasil’, de Regina Zilberman e Marisa Lajolo, mostram o quanto as discussões estão próximas a Chartier. O viés que elas pegam, por exemplo, pensar a história da leitura, a história do leitor a partir da literatura torna o livro fantástico. Regina e Marisa pegam o clássico, os clássicos da literatura e vão pensando a formação do leitor no Brasil. Aliás está lá no início dos primeiros romances brasileiros. E aí elas vão pegando esse leitor que precisa ser formado, esse leitor que é formado a partir do texto literário, e o escritor, ou seja, o autor do texto literário dando direção ao leitor. Digamos, assim, elas estão vendo a possibilidade de pensar a história da leitura, do leitor no interior do próprio texto, e como é que a literatura carrega essas informações. Se nós não temos como hoje, por exemplo, entrevistar o leitor do século 19, mas como é que os textos do século 19 podem nos mostrar uma representação do leitor daquela época? Então isso eu encontrei em Marisa Lajolo e Regina Zilberman. Para mim, elas foram fundamentais nessa relação com essas pesquisas. Então por isso que eu digo assim que é muito eclético onde eu vou buscar. Vou buscar onde é possível buscar. Eu não me prendo muito a uma teoria. Eu sempre fui contra a igrejas teóricas. E aí parece que você não pode dialogar com o outro. Então como é que eu vou pensar a questão da leitura, se eu não vou ler os historiadores da leitura? É meio incoerente você pensar leitura no interior da escola sem um olhar mais

amplo. Mas eu só quero pensar a aprendizagem da leitura, alguns dizem. Sim. Mas essas pessoas vão falar sobre a aprendizagem da leitura. Não é?! Você pega um livro de Chartier sobre a França do século 17 – 18, ele está falando sobre aprendizagem de leitura naquele momento. Ele está falando sobre a formação do leitor naquele momento, falando sobre comunidades de leitura, sobre intervenção do Estado na formação do leitor, não é?! Então como é que você professor de leitura, você que é pesquisador de leitura, você pode desconhecer essas questões? Eu acho fundamental conhecer. Hoje eu fiquei pensando, se eu tivesse lido mais outras coisas, eu teria mudado também. Se eu tivesse lido isso naquela época, eu não teria dado aquela aula.

10. Que conclusões suas pesquisas e trabalhos vão apontando sobre (história da) leitura?

Maria Ester Vieira de Sousa - O *corpus* de pesquisa que levantamos, entrevistas com professores, por exemplo, apontava sempre para algumas questões que eram interessantes rever e aprofundar em outros artigos. A primeira constatação que as pesquisas já revelavam, em 2004 – 2005, mesmo em 2001, que para mim era óbvio dizer que não podemos reclamar que não há leitor. O brasileiro lê. Eu acho que depois das pesquisas de *O Retrato da Leitura no Brasil* é que as pessoas começaram a ouvir o que eu já vinha dizendo desde 2001 e que as pesquisas empíricas me revelavam, que há leitores. Agora qual é a questão básica, pelo menos no interior da escola? Os alunos não leem o que os professores querem que eles leiam. Essa é a conclusão óbvia, não é?! A outra questão que se impunha é que mesmo que a escola ache que, por exemplo, o aluno tem que ler o que ela quer que ele leia, então ela tem que se programar. Não tenho medo de dizer que a escola tem

que obrigar a ler. Isso é próprio da escola, da instituição escolar. Ela é uma instituição disciplinar. Ela é uma instituição disciplinadora. Então, é preciso que haja projetos de leitura. Esse projeto de leitura tem que ter uma definição pelo menos do ponto de vista daquilo que se quer que seja lido. Eu acho que há espaço, no interior da escola. Eu acho que essas são conclusões que meus trabalhos vão apontando, inclusive mostrando o papel e a importância do professor na formação do leitor. Porque parece que o leitor se forma sozinho, isso não é verdade, não é assim. Há uma relação no interior da escola que é preciso que o professor intervenha na formação desse leitor. O professor informa o leitor, fazendo com que ele seja capaz de perceber no dito o não dito, que ele seja capaz de confrontar um texto com outro texto. Minhas pesquisas vinham me mostrando isso, porque o professor tem um papel imprescindível na formação cultural do leitor: fazer com que ele, por meio dos textos, seja capaz de entender a própria história e a história daquela época.

11. Conte-nos um pouco sobre as ações de extensão voltadas à formação de leitores, presentes em sua trajetória acadêmica.

Maria Ester Vieira de Sousa - Eu acho que tive assim grandes momentos de projetos de extensão. Eu sempre trabalhei muito com formação de professores, então eu participei daquele grande projeto de formação de professores alfabetizadores, o PROFA. Eu acho que foi um projeto que nos ensinou muito na universidade. Nós tivemos um projeto de extensão dentro do PROFA por vários municípios aqui dentro da Grande João Pessoa. Eu trabalhei nos municípios de João Pessoa e Bayeux. Mas nós tivemos também um trabalho muito grande na extensão a partir do PAELPE, que era um programa

voltado para professores de língua portuguesa. Era composto por um grupo de docentes do Departamento e Letras Clássicas e Vernáculas da UFPB que trabalhava com extensão em escolas públicas de João Pessoa e da Grande João Pessoa. Eu trabalhei no projeto. Socorro e eu trabalhamos com o projeto em Pedras de Fogo, cidade do interior da Paraíba. Um trabalho muito interessante. Eu acho que foi na década de 90. Nós acompanhamos os professores por mais de um ano. Nós tínhamos encontros mensais de dois dias por mês em formação, e nós planejávamos e discutíamos com eles. Essa ação resultou inclusive num livrinho “Desencantando a leitura e a escrita: uma experiência com os professores do ensino fundamental de Pedras de Fogo, em coautoria com Socorro de Fátima Pacífico Vilar. Ele fez parte da séria Extensão, publicada em 1995, pela UFPB. Além disso, nós priorizamos desde as questões da formação teórica até o conhecimento do próprio ambiente, por exemplo, ir à biblioteca pública da cidade que eles não conheciam. E lá ver o que é que há na biblioteca pública, fazer o levantamento das histórias orais que os avós, que os pais conheciam. Nós fizemos um trabalho bem amplo nessa perspectiva. Esse foi um projeto muito significativo. No caso da Livro roda, a associação começa em 1997. Eu participei da Livro em roda desde a fundação. A minha relação com a Livro em roda foi primeiro de encantamento, porque, na verdade, tanto Anne quanto Cristina começaram com uma cesta, era uma cesta mesmo, sabe aqueles balaios mais típicos? Então elas conseguiram uma doação de livro, acho que foi da Holanda que veio esse dinheiro. Compraram 50 livros e começaram as atividades. E esse projeto cresceu. Dois ou três anos depois, passou a atender a todas as escolas do município de Conde. Conde é um município grande, tem vinte escolas rurais. Hoje são comunidades. Mas a minha relação

sempre foi de ajudar no que eu podia, participando da associação, sendo durante não sei quantas gestões presidente da associação. Eu acho que eu fui a pessoa que mais presidiu a associação. Mas por quê? Porque ninguém queria ser. Depois de um certo tempo, eu assumi o compromisso também de elaborar projetos. Para tentar financiamento. Essa foi outra função minha também dentro da Livro em roda: elaborar os projetos para competir. Então conseguimos, durante dois anos, o Criança Esperança. Conseguimos a Petrobrás durante quatro anos, como também a C&A. Então todos esses financiamentos partiram de projetos. A minha função, na Livro em roda, era também pensar com o grupo questões teóricas e, ao mesmo tempo, elaborar projetos para conseguir financiamento. Então o meu papel tem sido esse também, atualmente, é plantar essas questões da leitura a partir da Livro em roda e ver onde eu posso me inserir.

12. Diante do avanço tecnológico e do uso de novos suportes de texto, o que nos espera no futuro sobre ler e os modos de ler?

Maria Ester Vieira de Sousa - Essa história de avanço tecnológico e práticas de leitura, isso dá uma tese viu! E olhe que com mais de quatro anos para poder escrever. Eu acho que o Chartier coloca muito bem essa história da revolução de todos esses meios eletrônicos para a leitura. Segundo ele, é uma revolução maior do que a criação da imprensa. Eu não sei se ela chegaria a tanto. Mas, enfim, é grande a revolução. O que eu acho que mexe com os gestos também de leitura. É interesse perceber que ler no tablet ou no Kindle, isso envolve gestos de leitura que não estão muito ligados à materialidade do livro, como o seu cheiro, a sua textura. Eu acho que ainda há uma certa resistência por aqueles que não têm experiência com os meios

eletrônicos. Estou querendo dizer com isso que você vai criando determinados gestos, determinados hábitos e que, evidentemente, isso vai mudar o processo de leitura. Eu acho que a gente já está em fase de mudança significativa. As crianças de 5 anos hoje já lidam com esses aparelhos de uma forma totalmente diferente do que lidamos, não é?! Eu acho que essa evolução não tem volta em determinadas questões. É fácil você ler, fácil ter o acesso, mas por outro lado eu acho que há algumas questões que vão sendo também perdidas. Porque é uma infinitude. Quer dizer, é o mundo que você navega. Eu acho que tem uma coisa do passado que é interessante e que está aí. É o mundo que você navega sem o acesso ao final. Da mesma forma que no Códex, você lia sem acesso ao final do Códex, que ia se desenrolando à medida que você lia, não era?! Então eu penso que na internet o texto corre, ele não corre na horizontal, ele corre na vertical, mas você não tem acesso ao final dele. Quando eu estou com o livro na mão, eu tenho acesso ao final dele. Então a dimensão de folhear um livro, de poder participar e ter acesso, isso se perde nessa dimensão das novas mídias. Elas fazem com que você também tenha outra relação com o texto. A relação com o texto, essa corporeidade com o texto é de outra natureza. E isso eu acho que traz implicações para o trabalho da leitura na escola. Até porque eu acho que vai ter inclusive do ponto de vista do acesso às informações, porque cada vez eu acho que as pessoas têm mais pressa em passar de um texto a outro e não se fixar num texto. Entendeu, como é?! Então essa superficialidade da leitura está sendo aprofundada pela questão do acesso da leitura a partir das novas mídias, porque eu acho que há uma fugacidade. Então você tem uma dimensão, acho que é uma dimensão do consumo na sociedade moderna. Isso é uma coisa que eu tenho pensado ultimamente. Eu não cheguei a nada

ainda, é só pensamento. Eu acho que é uma dimensão do consumo que afeta a leitura na mídia. Eu acho que a leitura nas mídias sociais precisa ser pensada do ponto de vista do consumo e aí sim aquilo que Chartier já colocava, aquilo que De Certeau já colocava, entender o livro como um objeto de consumo. Mas agora numa dimensão muito aprofundada.

13. E aproveito para voltar à primeira pergunta, porém tomando por base toda sua formação escolar e acadêmica, sua atuação no ensino, na pesquisa e na extensão, atualizo o verbo no presente e volto a perguntar: o que é ler hoje?

Maria Ester Vieira de Sousa - Ler hoje é um gesto humano imprescindível. Por mais que as pessoas digam que não gostam de ler, eu acho que a leitura é condição de humanidade. A leitura é imprescindível à sociedade moderna. É a obrigatoriedade, ela se impõe como algo necessário, obrigatório e imprescindível à formação dos sujeitos quanto para a questão das suas relações sociais. A formação do leitor está ligada à formação do sujeito, do sujeito social. Eu volto a pensar o que Paulo Freire, na década de 60, já colocava sobre a leitura do mundo. Porque eu acho que a leitura hoje envolve tudo, desde o verbal e o não-verbal, até o movimento corporal. Tudo o que vivemos implica você não ler apenas a palavra escrita. Mas você ler uma série de outras coisas. Por isso são tão importantes os projetos de leitura, eles contribuem na formação do cidadão, evitando, assim, o surgimento de mais negacionistas no mundo. A leitura, do ponto de vista da formação, leva (ou deveria levar) as pessoas a não acreditarem em mentiras.